

FRAGMENTOS DA CIDADE: TAQUARA VISTA ATRAVÉS DO CARTÃO POSTAL

Alex Juarez Müller¹

Resumo

A fotografia no final do século XIX passa a ser uma fonte de registro, principalmente das áreas urbanas. Dentro dessa perspectiva, no século XX, a imagem fotográfica passa a ser para o historiador uma fonte da construção histórica. Nesse contexto de uso das imagens empregamos em nossa pesquisa a fotografia de cartões-postais, tendo como objeto o estudo da área urbana através da imagem postal, com a finalidade de compreender as representações da urbe a partir dessa iconografia. O recorte espacial contempla a cidade de Taquara no Rio Grande do Sul, delimitando-se entre 1900 e 1920, período que se intensificam o uso de postais. O trabalho utiliza a imagem como principal fonte e os documentos escritos como forma de contextualização dessas fotografias postais. Evidencia-se, portanto, na pesquisa dessas imagens, os aspectos representativos que não estão explícitos, que exaltam uma cidade preocupada em mostrar a sua organização e modernização, seguindo os preceitos da época das grandes urbes brasileiras.

Palavra chave: cartão postal, representações, cidade de Taquara

Introdução

O cartão postal foi um meio de divulgação de lugares diversos pelo mundo no início do século XX. Era uma forma de pessoas enviarem notícias de onde estavam e ao mesmo tempo mostra alguma imagem local, “(...) *era de enviar uma mensagem curta e rápida, complementada ou inusitada pela ilustração. Quantos jovens trocaram mensagens amorosas usando o significado simbólico das fotografias (...).*” (FLORES, 2007, p.7)

A massificação do bilhete postal só foi possível ao desenvolvimento da fotografia, a qual popularizou a imagem por todos os cantos do mundo, tornando lugares antes longe da realidade de pessoas muito próximos, é o caso das cidades, e cabia aos fotógrafos o recorte dos lugares, ou seja, a área urbana era fragmentada. Esse processo foi pioneiro do fotógrafo Marc Ferrez, que popularizou o postal no Rio de Janeiro e boa parte do Brasil. “*Assim, as temáticas escolhidas por Ferrez adquiriam significado especial pelo potencial de fornecer a um amplo e difuso público os fragmentos mais atraentes da cidade do Rio de Janeiro (...)*”

¹ Graduado em história pelas Faculdades Integradas de Taquara - FACCAT. Historiador da Culturali Arqueologia, Consultoria e Projetos LTDA. E-mail: muller.historia@gmail.com

(BARROS, 2008, p. 224), dessa forma a cidade de Taquara também sofreu esse processo de fragmentação, sempre buscando enfatizar os pontos mais atraentes para o público da época.

O cartão postal tornou-se um fenômeno de divulgação dos desenvolvimentos, modernizações, organização e embelezamento das áreas urbanas, principalmente de grandes capitais da Europa, Estados Unidos e Brasil. Mas também foram posteriormente um grande meio de divulgar os lugares distantes aos centros maiores, pois *“convém ressaltar que a proliferação dos cartões-postais (...) integrava-se às conquistas advindas da revolução tecnocientífica, que propiciaram uma nova magnitude e a rapidez aos meios de transporte e de comunicação.”* (SCHAPOCHNIK, 1998, p. 429)

Nesse contexto podemos identificar a cidade de Taquara, que se mostrou enquadrada nesse processo de divulgação da área urbana. Os postais *“(...) corroboram uma compreensão redutiva da paisagem. (...) Dessa maneira, São Paulo é a Avenida Paulista, o Rio de Janeiro é o Pão de Açúcar, Ouro Preto é a obra de Aleijadinho, Salvador é o Pelourinho, Manaus é o Teatro Nacional (...)*” (SCHAPOCHNIK, 1998, p. 426), e em escala regional, a Rua Júlio de Castilhos como também a Intendência Municipal eram os ícones da imagem da urbe taquarense no início do século XX. Portanto nosso recorte espacial é esse espaço público, que são os mais bem registrados pelos fotógrafos da época, mais precisamente entre 1900 e 1930.

Nos postais que ilustravam as cidades sempre foi perceptível o uso de imagens paisagens, pois a idéia era identificar a amplitude do lugar, as ruas, às praças, os espaços públicos que se transformavam, pois esse foi um período da história do Brasil que *“(...) os códigos de posturas moldaram a paisagem das vilas como seus rocios, áreas não edificáveis, determinação de feiras e mercados, o uso de fontes, etc.”* (SILVA, 1997, p. 216) Na cidade de taquara não deixa de ser diferente, como veremos mais adiante.

A análise dessas imagens postais paisagísticas devem ser encaradas como um *“(...) documento histórico, para a sua preservação como locus no qual se encontram elementos de diferentes tempos e onde a história pode ser lida. Nesse sentido a paisagem (...) [é uma] (...) representação da materialização da memória.”* (RIBEIRO, 2007, p.57)

O cartão passa a ser observado como um documento histórico repleto de memória, pois as novas abordagens do final do século XX ampliaram o conceito das fontes, dessa maneira

“(...) tudo o que permite a descoberta de fenômenos em situação (...) é particularmente útil. O novo documento, alargado para além dos textos tradicionais, transformado (...) deve ser tratado como um documento/monumento. (...) transferir

este documento/monumento do campo da história para o da ciência histórica.” (LE GOFF, 2003, p. 539)

A imagem é um documento que pode ser utilizado para a construção histórica, conjuntamente com outras demais fontes, pois no uso de imagens é preciso o cuidado de ler além do que a iconografia nos quer passar, pois “*No caso das imagens, como no caso dos textos, o historiador necessita ler nas entrelinhas, observando os detalhes pequenos mais significativos – incluindo ausências significativas (...).*” (BURKE, 2004, p. 238) Neste caso é aconselhável sempre empregar fontes auxiliares as imagens, no caso de fotografias, sempre devem “*(...) ser localizadas outras fontes que possam transmitir informações acerca dos assuntos que foram objetos de registro em dado momento histórico (...).*” (KOSSOY, 2001, p.64), ou até mesmo “*(...) uma série de imagens oferece testemunho mais confiável do que imagens individuais (...)*” (BURKE, 2004, p. 237-238).

Seguindo essa linha de pesquisa, procuramos analisar um grupo de cartões postais procurando interpretar seus significados fundamentados em outras fontes, não somente propriamente a imagem. Dessa forma utilizamos fontes escritas atuais e contemporâneas à criação da iconografia, como veremos a seguir.

Os postais em Taquara

A cidade de Taquara está localizada no estado do Rio Grande do Sul, no Vale do Paranhana. A área da atual cidade de Taquara originou-se do entroncamento de duas picadas, formando um núcleo comercial, que mais tardar veio a servir de base para a formulação do traçado urbano. Já na Primeira República a administração municipal exerce as principais mudanças no núcleo urbano, primeiro na troca de nomes dos logradouros públicos (substituição dos nomes imperiais por nomes republicanos), típico das grandes capitais brasileiras. (MONTEIRO, 2007) e na organização e embelezamento. Nesse momento surgem como habitualmente nos grandes núcleos urbanos, os primeiros retratos da cidade, com o intuito de mostrar as mudanças ocorridas, o desenvolvimento, entre eles o cartão-postal.

Os postais chegaram ao Brasil no final do império brasileiro, as vésperas da Proclamação da República. A carta postal “*fora idealizada como um padrão de correspondência condensada cuja função era a de transmitir uma mensagem escrita breve e simplificada.*” (SCHAPOCHNIK, 1998, p. 429) Coube ao Correio realizar o processo de dinamização de entrega desse bilhete, e no auge do postal, “*segundo estatística oficiais, no*

período de 1907 a 1912 o Correio coletou 57.876.202 cartões-postais e distribuiu 81.963.858, em todo o Brasil, um país cuja população aproximava-se da cifra de 20 milhões de habitantes.” (SCHAPOCHNIK, 1998, p. 430) Na esfera local, percebemos que a dinamização do serviço postal foi fundamental para a popularização do bilhete postal, pois o intendente da época, Arnaldo da Costa Bard, esclarece em seu relatório anual: *“fizemos colocar no edifício da Intendencia e junto á casa do Vigario, na extremidade sul da rua Julio de Castilhos, caixas postaes”* (RELATÓRIO, 1924, p.30).

O serviço de entrega na cidade só foi possível com a agilidade dos transportes que seguiu o progresso das ferrovias que ocorria nas áreas economicamente atrativas do Brasil. O trem chegou a Taquara em 1903 facilitando a comunicação com a capital Porto Alegre, e conseqüentemente agilizando os processos de interação de um mundo mais urbanizado com uma área do interior colonial.

A primeira imagem (figura 1) postal analisada é uma fotomontagem, que caracteriza a interferência da fotografia através de uma pintura realizada sobre a imagem inicial. Observamos as intervenções realizadas sobre a fotografia que está abaixo do cartão postal, e a principal alteração realizada é a introdução da Intendência Municipal na paisagem da cidade, identificado no círculo em cada uma das imagens.

A imagem fotográfica original foi transformada em cartão postal, sofrendo intervenções do seu idealizador, onde havia claramente a intenção de expor o mais novo edifício público do município, fazendo-se assim a pintura desse elemento. Nesse processo está o filtro cultural número um, o fotógrafo, pois

“Ao observarmos uma fotografia, devemos estar conscientes de que a nossa compreensão do real será forçosamente influenciada por uma ou várias interpretações anteriores. Por mais isenta que seja à interpretação dos conteúdos fotográficos, o passado será visto sempre conforme a interpretação primeira do fotógrafo (...).” (KOSSOY, 2001, p.13)



Figura 1 – Cartão Postal de 1909 e fotografia do início da década de 1900.
Fonte: Ana Lúcia Schweitzer e Carlos Eduardo Trott.

Aos olhos mais aguçados podemos perceber a intenção do profissional fotográfico de mascarar algumas evidências, pois se percebe que a Intendência foi inaugurada em 1908, e o bilhete postal é de 1909, e a fotografia original se remete anterior a essas datas. Na imagem que serviu de base para o postal ainda identificamos alguns detalhes interessantes, como as igrejas e a ainda a velha intendência. Essa fotografia, provavelmente, fora escolhida para ser postal pela sua panorâmica da cidade, pois se avista toda a pequena área urbana.

Evidente que o bilhete postal era para ser uma imagem de lembrança da cidade de Taquara, uma imagem para os viajantes levarem ou para pessoas de outros centros lugares receberem, isso está explícito nos dizeres “*Lembrança da Taquara do Mundo Novo*” na parte esquerda superior, esclarecendo a intenção, sendo que

“o papel desempenhado pelas imagens postais se assemelha muito aos procedimentos da arte da memória tal como era preconizada pelos mestres retores da

Antiguidade. Para lembrar era recomendada a construção de lugares que deveriam corresponder aos fatos a serem memorizados.” (SCHAPOCHNIK, 1998, p. 427).

Cabe ressaltar ainda a influência na paisagem do postal acima e dos demais analisados posteriormente, do código de posturas, pois o alinhamento da rua principal, a existência de calçada e o cercamento de terrenos baldios era uma exigência do conforme o artigo 11 que dizia que

“(…) os proprietários dos terrenos que medeiam entre as casas situadas na rua Julio de Castilhos, no espaço compreendido desde a rua Tristão Monteiro até a Coronel Evaristo, são obrigados a amurar as frentes dos mesmos terrenos (…)” (CODIGO DE POSTURAS, 1892, p. 7)

As próprias edificações, já nessa época, deveriam obedecer ao código, que exigia que todas as residências construídas fossem solicitadas autorizações a intendência, onde o artigo 8 deixa claro que “(…) *nenhum edifício se construirá dentro dos limites da Villa e povoações, sem preceder licença do intendente (…)*”(CODIGO DE POSTURAS, 1892, p.5) Também exigia melhor alinhamento das casas, tamanhos mínimos, disposição das janelas e portas, poluição por chaminés e proibição de cortiços.

O mais interessante da época da fotografia que a imagem não passa os percalços pelo quais era preocupação no início do século XX, pois com o crescimento do povoado passam a ter os problemas com o lixo e o esgoto. Os serviços de recolhimento desses dejetos não existiam como podemos ver no relatório do intendente Cel. Diniz, em 1907, que após uma epidemia na cidade deixa explícito que

“E é para evitar idênticas e possíveis manifestações em nossa já populosa villa que continuo cada vez mais convencido da necessidade imprescindível de estabelecer-se um serviço popular de remoção de matérias fecaes, acabando com os infectos depósitos domiciliários, focos originários sempre de alteração do estado sanitário das sociedades” (RELATÓRIO 1907, p. 3)

Essa preocupação com a higiene já era vista nos grandes centros, como na capital Porto Alegre, onde o crescimento acentuado da cidade “(…) *fez com que as condições de higiene (…)* não fossem muito satisfatórias, tendo em vista as epidemias que assolaram (…)*na segunda metade do século XIX e início do século XX*” (MONTEIRO, 2007, p. 230)



Figura 2 – Vista da Intendência (Início da década de 1910)

Fonte: Carlos Eduardo Trott.

A imagem anterior (figura 2) tem a finalidade semelhante da primeira imagem, pois ambas objetivam identificar o prédio público da intendência, que servia para os assuntos executivos, legislativos e penitenciários. Era uma forma de expressar a imagem da organização na administração pública, a ordenação dos prédios, o que pode assemelhar-se a capital Porto Alegre, onde identificamos os edifícios públicos na atual Praça da Alfândega, onde esses buscavam “(...) *produzir um efeito de equilíbrio e monumentalidade na principal praça do centro da cidade, correspondendo ao novo imaginário de cidade que a burguesia comercial e industrial almejava (...)*”. (MONTEIRO, 2007, p. 241)

O postal identifica um aspecto interessante do posicionamento para o ato, pois não mostra o lado direito da rua, pois é o lado que existiam poucas residências. A intenção clara era identificar somente os aspectos urbanos, e principalmente a Intendência, como os próprios dizeres do cartão já dizem: “*Taquara, Rio Gr. D. Sul – Intendencia.*”. No cartão postal essa intenção fica nítida, pois “*os postais não eram apenas veículos de correspondência, mas, também, instrumentos de propaganda, particularmente no caso de vistas das cidades*” (KOSSOY, 2002, p.69). Isso demonstra a intenção de apontar, para os não moradores de Taquara, uma cidade urbanizada, forte política e economicamente e organizada.

Podemos ver, portanto, a intenção do fotógrafo em mostrar um ângulo urbano, que objetiva identificar a cidade.

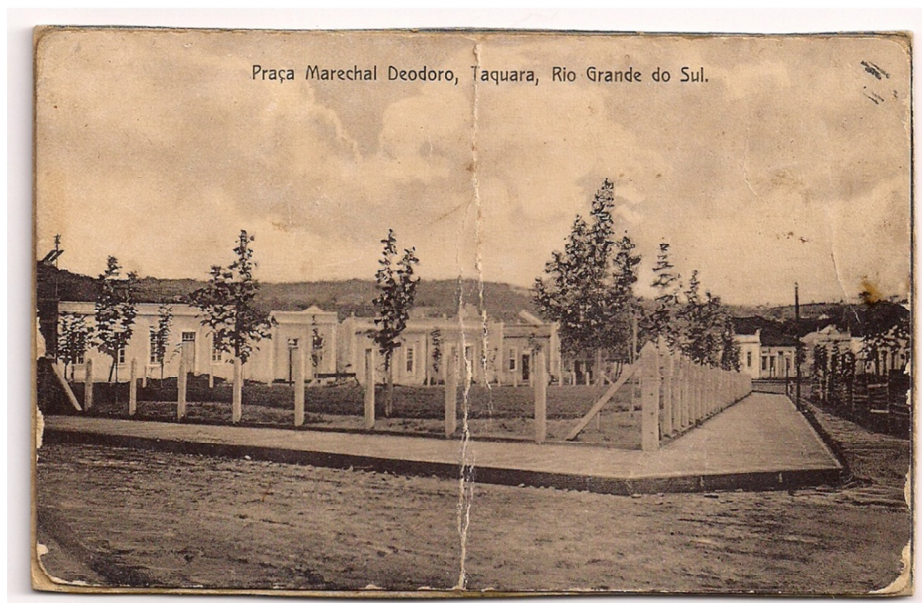


Figura 3 – Vista da Praça Marechal Deodoro – (Por volta da década de 1910).
Fonte: Carlos Eduardo Trott.

Conjuntamente com a imagem da intendência estava a praça, um espaço público que surgiu conjuntamente com a o prédio administrativo do município.

No postal acima (Figura 3) podemos observar a recém construída área de lazer ainda com suas árvores recém plantadas, mas com a intenção clara de passar aos olhos de quem observasse que a cidade tinha seu espaço de sociabilidade.

A praça era o espaço da organização, com suas árvores alinhadas. Era uma determinante dos governos republicanas da época, como nas próprias praças de Porto Alegre, onde “*a administração municipal pretendia ordenar e disciplinar os espaços de lazer cortando as antigas árvores e criando ‘jardins à inglesa’ para o footing e o desfrute das elites e camadas médias*” (MONTEIRO, 2007, p.251) Essa preocupação com a organização das árvores, com a natureza domesticada, vem desde o código de posturas de 1893, onde era explícito no artigo 20 que “*é permitida a plantação de árvores de ornamento nas ruas, praças, em alinhamento dado pela autoridade competente – penas: 10\$000 de multa, além de remove-las o infractor, para oude for determinado*”. (CÓDIGO DE POSTURAS MUNICIPAL, 1892, p. 9) Isso identifica que as árvores somente poderiam ser plantadas de acordo com regras estabelecidas de organização, onde o não cumprimento implicava em multa.

Ainda nesse postal observamos o aspecto interessante da praça possuir uma cerca, o que identifica ares rurais à cidade, pois esse cercamento era justamente para impedir que cavalos entrassem adentro. Isso demonstra a intenção de separar o rural do urbano e manter certa organização dos espaços públicos.



Figura 4 – Rua Júlio de Castilhos – Década de 1910 – Vista sul e norte.
Fonte: Carlos Eduardo Trott.

Os bilhetes-postais anteriores objetivam identificar a Rua Júlio de Castilhos do mesmo ponto da rua, onde atualmente cruza a Rua Guilherme Lahm. Ambas formam dois cartões postais que são intitulados de “*Parte da Rua Júlio de Castilhos I*” e “*Parte da Rua Júlio de Castilhos II*”.

Ambas identificam uma rua que se transformara ao longo de quatro décadas. A Rua Júlio de Castilhos nesse momento transformara-se no espaço social, o local onde as pessoas reuniam-se para o lazer, não havendo mais indícios da velha arquitetura colonial, sendo formada uma nova estrutura. Essa percepção assemelha-se aos grandes centros da época, como analisado no Rio de Janeiro, onde “*uma nova geografia do ser moderno se impôs sobre a cidade, elegendo, como espaços de a aparência, salões, confeitarias, cafês cinemas, livrarias e a própria rua*” (MAUAD, 1997, p.40).

Esses espaços atendiam a nova elite econômica da cidade que se formara a partir do comércio da zona rural com a zona urbana. Essa elite, que descendia dos primórdios da colonização, formava por vez o panorama da república brasileira, onde ocorria uma economia essencialmente agrícola, mas o momento era de exaltação do urbano, como podemos observar nos postais. Essa nova elite cria/constrói locais pra a sua contemplação, tal como a Rua Júlio de Castilhos, onde “*(...) estes espaços existem para que novos grupos sociais em ascensão, (...) se identificassem no seu processo de vir a ser, à medida que só passariam a existir como classe, em função de uma vivência social*” (MAUAD, 1997, p.286).

A busca por novos espaços de sociabilidade é perceptível no postal Parte II, onde se avista a direita da imagem, o prédio do Cinema e Teatro Central.

Esses cartões postais objetivam, portanto, mostrar uma cidade estruturada, com uma vida social intensa, organizada para receber os seus visitantes. Essa é uma análise que fazemos a partir dos escritos expostos no encarte “*O Rio Grande do Sul em Revista*” de 1928,

onde se fazem mostrar os principais municípios da época. Na revista menciona-se o seguinte sobre a área urbana taquarense: “*A rua principal é Julio de Castilhos, de edificação mais compacta e onde estão localizadas as melhores casas commerciaes, clubs, casas de diversões publicas, igrejas, hotéis (...)*” (O RIO GRANDE DO SUL EM REVISTA, 1928, p.400) Ainda sobre a cidade, a revista menciona que as ruas de Taquara são “*(...) amplas e bem alinhadas, na maior parte com sargetas de pedras e optimos passeios de lage (...). Conta com 20 ruas e uma praça arborisada (...) estando localizada bem no centro da cidade.*” (O RIO GRANDE DO SUL EM REVISTA, 1928, p.400)

O cartão postal, portanto, efetivava a proliferação da imagem da cidade para lugares longínquos. Sendo uma opção de correspondência mais barata, oportunizava uma mensagem rápida, que se desenvolveu conseqüentemente com o trem que podia diariamente realizar o serviço postal.

Os cartões postais acima “*(...) privilegiam a paisagem urbana e natural, sendo raros os casos onde o homem se faz presente; quando isto ocorre, os indivíduos registrados encontram-se distantes da câmara, diluídos ao fundo da representação*” (KOSSOY, 2002, p.101) É uma análise das imagens desse período que Kossoy realiza, enquadrando-se perfeitamente para as fotografias em questão, pois o elemento humano somente participa distantemente. Sendo assim, “*a fotografia sempre esteve – e sempre estará – à disposição das ideologias, prestando-se aos mais diferentes usos*” (KOSSOY, 2002, p. 106).

Considerações Finais

O cartão postal foi um fenômeno do início do século passado, ele aproximou as imagens mundanas como nunca antes visto. Foi um processo que disseminou principalmente a fotografia, transformando as cidades de grande, médio e pequeno porte mais próximas.

O cartão postal privilegiava as vistas urbanas, pois era o fenômeno da civilização da época, a urbanidade estava em voga. Nesse registro sempre eram sempre realizados os recortes, pequenos fragmentos da cidade que se mostravam mais atraentes para as percepções alheias.

No caso da cidade de Taquara, os pontos mais atraentes eram os espaços públicos, como ocorria em grande parte dos centros urbanos pelo mundo. A Rua Júlio de Castilhos, a Intendência e a praça se mostravam os lugares de registro da imagem taquarense. Obviamente que o interesse do registro estava por trás de algo maior, o de mostrar a urbanidade em desenvolvimento e perfeito estado de organização.

Não podemos deixar de ressaltar também a manipulação dessas imagens, uma vez que em alguns momentos partiam de idéias de algum projeto ideológico político e/ou também do recorte de um profissional fotográfico. Tanto que esses postais sempre procuravam identificar o lado dito bonito da cidade, pois em nenhum momento percebemos uma imagem deturpada.

As influências das grandes cidades atingiram os centros menores do Brasil, e por conseqüência esses lugares adaptavam as modernidades a sua realidade. Nos postais isso não foi diferente, pois observamos nas imagens a divisão do urbano e rural muito próximo, pois lá estavam ruas de terra, a praça cercada em função dos animais, as vistas panorâmicos identificando grande porção de vegetação e uma cidade que cresceu em função da produtividade das colônias agrícolas.

Para finalizar, a imagem transformou-se em um grande ícone do estudo e construção da história, pois a partir dela podemos empregar diferentes tipos de documentos, realizando um verdadeiro cruzamento de dados.

Referências:

- BARROS, Mariana. **Marc Ferrez e o Rio de Janeiro de seu tempo**. 2008. Tese de Doutorado. PUCRJ – Rio de Janeiro.
- BORGES, Maria Eliza Linhares. **História e Fotografia**. São Paulo: Autêntica, 2008.
- BURKE, Peter. **Testemunha Ocular: historia e imagem**. Bauru, SP: EDUSC, 2004.
- Código de Posturas do Conselho Municipal do Mundo Novo**. Votado em 3ª e ultima discussão a 19 de setembro de 1892. Promulgado publicado a 20 de dezembro de 1892. Disponível no Museu Histórico Visconde de São Leopoldo, São Leopoldo.
- FLORES, Moacyr. Introdução. In: FLORES, Moacyr (Org.) **Cartões Postais: imagens e histórica cultural**. Porto Alegre: Ediplat, 2007.
- KOSSOY, Boris. **Fotografia e história**. 2. ed. São Paulo, SP: Ateliê Editorial, 2001.
- KOSSOY, Boris. **Realidades e ficções na trama fotográfica**. 3ª ed. São Paulo, SP: Ateliê Editorial, 2002.
- LE GOFF, Jacques. Documento/Monumento. In. LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 5. ed. Campinas, SP: UNICAMP, 2003.
- MAUAD, Ana M. O espelho do poder: fotografia, sociabilidade urbana e representação simbólica do poder político no Rio de Janeiro da *belle époque*. In: SOUZA, Célia & PESAVENTO, Sandra (Orgs.). **Imagens Urbanas: os diversos olhares na formação do imaginário urbano**. Porto Alegre: UFRGS, 1997.
- MONTEIRO, Charles. Urbanização e modernidade em Porto Alegre. In: GOLIN, Tau et al. **República Velha (1889 - 1930)**. Passo Fundo: Méritos, 2007. V. 3 t.2.
- Museu Histórico Municipal Adelmo Trott**. Taquara/RS.
- Museu Histórico Visconde de São Leopoldo**. São Leopoldo/RS
- O Rio Grande do Sul em Revista – 1928**. Disponível no Museu Histórico Municipal Adelmo Trott, Taquara.

Relatório apresentado ao Conselho do Mundo Novo pelo intendente Cel. Diniz Martins Rangel em 20 de setembro de 1907. Disponível no Museu Histórico Visconde de São Leopoldo, São Leopoldo.

Relatório apresentado pelo intendente Arnaldo da Costa Bard ao Conselho Municipal da Taquara em 20 de setembro de 1924. Correspondente ao exercício de 1923. Disponível no Museu Histórico Visconde de São Leopoldo, São Leopoldo.

RIBEIRO, Rafael. **Paisagem cultural e patrimônio.** Rio de Janeiro: IPHAN/COPEDOC, 2007.

SCHAPOCHNIK, Nelson. Cartões – postais, álbuns de família e ícones da intimidade. In: SEVCENKO, Nicolau (Org.). **História da vida privada no Brasil – República: da belle époque à era do rádio.** Vol. 3. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SILVA, Francisco. História das Paisagens. In: VAINFAS, Ronaldo. (Orgs.). **Domínios da História: ensaios de teorias e metodologia.** 16. ed. Rio de Janeiro, RJ: Elsevier, 1997.